



turnê POR TU GAL

*celebração
do bicentenário
da independência
do brasil*

ORQUESTRA
*f*ILARMÔNICA
de MINAS GERAIS

FABIO MECHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR

Ministério do Turismo,
Ministério das Relações Exteriores
e Governo de Minas Gerais
apresentam

turnê POR TU GAL

setembro
2022

6 porto
casa da música

7 lisboa
jardim da
torre de belém

8 lisboa
centro cultural
de belém

9 coimbra
convento
são francisco

Fabio Mechetti, regente
Jean-Louis Steuerman, piano

PROGRAMA

JOLY BRAGA SANTOS

Abertura Sinfônica nº 3, op. 21

Sobre um tema de caráter alentejano

HEITOR VILLA-LOBOS

Bachianas Brasileiras nº 3

Prelúdio (Ponteio): Adagio

Fantasia (Devaneio): Allegro moderato

Ária (Modinha): Largo

Tocata (Pica-pau): Allegro

INTERVALO

ANTÔNIO CARLOS GOMES

O Escravo: Prelúdio e Alvorada

HEITOR VILLA-LOBOS

Choros nº 6





FOTO: EUGÊNIO SÁVIO

caros amigos e amigas,

A Filarmonica de Minas Gerais foi criada em 2008 com o propósito de se tornar referência no cenário sinfônico nacional e internacional. Nesse curto espaço de tempo, ela mostrou palpáveis resultados da concretização de sua missão. Construiu um público numeroso e fiel. Conquistou a admiração da sociedade mineira e brasileira pela sua qualidade artística e eficiência administrativa. Projetou-se para o mundo através de suas gravações em parceria com o selo internacional Naxos. Ao embarcarmos nas celebrações de seus quinze anos de existência, faltava a realização de sua primeira turnê europeia, para que nossos amigos de fora conhecessem esse trabalho importante e singular que vem sendo desenvolvido.

Ao mesmo tempo, comemoramos neste ano, no Brasil, o bicentenário de sua Independência. Com isso, uniu-se a oportunidade e a realização desta atividade que sonhávamos, ao trazermos a Orquestra para uma digressão por várias cidades portuguesas. Elaboramos um programa que reflete a essência da música sinfônica brasileira nas obras de seus dois mais importantes compositores: Antônio Carlos Gomes, representante maior da música brasileira do século XIX, e Heitor Villa-Lobos, nome mais expressivo do século XX. Nas obras executadas nesta noite, ouviremos a força que caracteriza nosso povo: a paixão contida no Prelúdio e na Alvorada da ópera *O Escravo* e a exuberância, liberdade e originalidade que permeiam a música inigualável dos *Choros nº 6* e da *Bachiana nº 3*, esta última com a participação de um dos pianistas brasileiros de maior reputação internacional, Jean-Louis Steurman.

A proximidade histórica, linguística e cultural que caracteriza nossos povos se expressa aqui artisticamente, em nossa homenagem à música portuguesa, revelada na *Abertura Sinfônica nº 3* de Joly Braga Santos. Assim, num repertório rico, variado, colorido e vibrante, damos-nos as mãos, brasileiros e portugueses, fortalecendo cada vez mais os laços que unem duas nações irmãs.

Nossos mais sinceros agradecimentos pela presença de todos, esperando que o concerto desta noite transmita a alegria de estarmos aqui, compartilhando a força transformadora da música sinfônica de nossos países.

Muito obrigado e bom concerto.

Fabio Mechetti
Diretor Artístico e Regente Titular





FOTO: RAFAEL MOTTA

Orquestra Filarmônica de Minas Gerais

Criada em 2008, a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais tornou-se uma das instituições culturais de maior sucesso no Brasil. Conduzida pelo seu Diretor Artístico e Regente Titular, Fabio Mechetti, a Orquestra é formada por 90 músicos de todas as partes do Brasil, Europa, Ásia e das Américas. Em sua programação, há diversas séries de concertos, além de apresentações didáticas, ao ar livre, programas para desenvolvimento de novos talentos nas áreas de composição e de regência, bem como turnês nacionais, internacionais e pelo estado de Minas Gerais. A discografia da Filarmônica conta

com nove gravações, entre elas duas para a coleção “A música do Brasil”, da gravadora internacional Naxos, em parceria com o Itamaraty, com obras de Alberto Nepomuceno e de Almeida Prado, sendo que esta última foi indicada ao Grammy Latino 2020 na categoria melhor álbum de música erudita. Em 2020, a Filarmônica inaugurou seu próprio estúdio de TV para a realização de transmissões ao vivo de seus concertos, totalizando hoje mais de 70 concertos transmitidos em seu canal no YouTube, onde se podem encontrar diversos outros conteúdos sobre a orquestra e a música de concerto. No mês de setembro de 2022, nas celebrações do bicentenário da Independência do Brasil, a Filarmônica lança um novo CD com obras de D. Pedro I e realiza sua primeira turnê a Portugal, apresentando obras consagradas do repertório sinfônico brasileiro e português.

Sala Minas Gerais

Inaugurada em 2015, a Sala Minas Gerais é a sede da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Sua construção atendeu a rígidos critérios de acústica e ambiência próprios a uma sala de concertos, tornando-a uma das mais reconhecidas salas da América Latina. Sua beleza arquitetônica e eficiência acústica encantam maestros, solistas, instrumentistas e o público que se acomoda em seus 1.493 lugares. O projeto arquitetônico e acústico é de José Augusto Nepomuceno, que assina outros importantes espaços em todo o mundo. Considerada também um instrumento de afinação da própria orquestra, conta

com elementos que permitem um espaço vivo, capaz de amplificar naturalmente o som do conjunto sinfônico e de cada um dos instrumentos, dar envolvimento, presença sonora e conforto, permitindo uma profunda fruição musical. Nestes quase oito anos de dedicação à música de concerto, a Sala Minas Gerais já foi palco para cerca de quinhentas apresentações da Filarmônica, recebendo aproximadamente cem mil pessoas anualmente. Consolida-se, assim, como um dos mais renomados espaços culturais do Brasil e um importante patrimônio cultural para os mineiros e brasileiros.



FOTO: ALEXANDRE REZENDE

Fabio Mechetti

diretor artístico e regente titular

Desde 2008, Fabio Mechetti é Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, sendo responsável pela implementação de um dos projetos mais bem-sucedidos no cenário musical brasileiro.

Ao ser convidado, em 2014, para o cargo de Regente Principal da Orquestra Filarmônica da Malásia, Fabio Mechetti tornou-se o primeiro regente brasileiro a ser titular de uma orquestra asiática. Depois de quatorze anos à frente da Orquestra Sinfônica de Jacksonville, Estados Unidos, atualmente é seu Regente Titular Emérito.

Foi também Regente Titular da Sinfônica de Syracuse e da Sinfônica de Spokane. Desta última é, agora, Regente Emérito. Foi regente associado de Mstislav Rostropovich na Orquestra Sinfônica Nacional de Washington e com ela dirigiu concertos no Kennedy Center e no Capitólio norte-americano. Da Orquestra Sinfônica de San Diego, foi Regente Residente.

Fez sua estreia no Carnegie Hall de Nova York conduzindo a Orquestra Sinfônica de Nova Jersey e tem dirigido inúmeras orquestras norte-americanas, como as de Seattle, Buffalo, Utah, Rochester, Phoenix, Columbus, entre outras. É convidado frequente dos festivais de verão nos Estados Unidos, entre eles os de Grant Park em Chicago e Chautauqua em Nova York.

Vencedor do Concurso Internacional de Regência Nicolai Malko, na Dina-

marca, Mechetti dirige regularmente na Escandinávia, particularmente a Orquestra da Rádio Dinamarquesa e a de Helsingborg, Suécia. Na Finlândia, dirigiu a Filarmônica de Tampere; na Itália, a Orquestra Sinfônica de Roma e a Orquestra do Ateneo em Milão; e na Dinamarca, a Filarmônica de Odense.

No Brasil, foi convidado a dirigir a Sinfônica Brasileira, a Estadual de São Paulo, as orquestras de Porto Alegre e Brasília e as municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Trabalhou com artistas como Alicia de Larrocha, Thomas Hampson, Frederica von Stade, Arnaldo Cohen, Nelson Freire, Emanuel Ax, Gil Shaham, Midori, Evelyn Glennie, Kathleen Battle, entre outros.

Em 2022, fez sua estreia com a Orquestra Filarmônica do Teatro Colón, em Buenos Aires, e com a Orquestra Sinfônica Nacional da Colômbia, em Bogotá.





FOTO: SILVIO SIMÕES

Jean-Louis Steuerman

piano

O brasileiro Jean-Louis Steuerman ganhou grande reconhecimento como solista e recitalista internacional depois de conquistar, em 1972, o segundo lugar no Concurso Johann Sebastian Bach, em Leipzig, Alemanha.

Steuerman se apresentou como solista com a London Symphony sob regência de Claudio Abbado, com a Royal Philharmonic sob a batuta de Lord Menuhin e Vladimir Ashkenazy (com quem tocou

o Concerto de Britten no Festival de Atenas). Debutou nos Concertos Promenade BBC em 1985 com grande sucesso de crítica, tocando o Concerto em ré menor de Bach com a Polish Chamber Orchestra. Apresentou-se também com a English Chamber, Hallé, Royal Liverpool Philharmonic, City of Birmingham Symphony Orchestra e a Bournemouth Sinfonietta.

Jean-Louis tem se apresentado junto a orquestras como a Orquestra do Gewandhaus Leipzig com Kurt Masur, Basel Symphony com Heinz Holliger, Helsinki Philharmonic (Tippett Piano Concerto), Zurich Tonhalle, Berlin Symphony, Nouvel Orchestre Philharmonique, Orchestra Sinfonica di Milano, Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, Filarmônica de Minas Gerais, Petrobras Sinfônica, Sinfônica Brasileira, Dallas Symphony, Seattle

Symphony, Baltimore Symphony e Indianapolis Symphony Orchestra.

Fez grandes turnês pela Europa, América do Norte e Japão, apresentando-se nas principais séries de recitais. Como camerista, tem tocado com alguns dos mais renomados músicos internacionais.

Suas gravações para a Philips Classics incluem a obra para piano solo de Scriabin, a obra completa de Mendelssohn para piano e orquestra com a Moscow Chamber Orchestra, os concertos para piano de Bach com a Chamber Orchestra of Europe, incluindo as Seis Partitas do compositor alemão, gravação que lhe rendeu o prestigioso Diapason d'Or.

Atualmente, Jean-Louis Steuerman mora em Portugal.





f

JOLY BRAGA SANTOS

Lisboa, Portugal, 1924 - 1988

José Manuel Joly Braga Santos nasceu em Lisboa, a 14 de maio de 1924, em um lar no qual a cultura musical era valorizada e incentivada. Era conhecido como Joly, sobrenome da mãe, de origem francesa. Recebeu do pai as primeiras lições musicais e obteve a cátedra de Composição no Conservatório Nacional de Lisboa.

Artista precoce, Joly, aos 26 anos, já havia composto quatro sinfonias e duas aberturas sinfônicas, obras de envergadura e complexidade. Dois anos depois, em 1949 (ano no qual fundou o grupo Juventude Musical Portuguesa), escreveu uma nova Abertura Sinfônica sob encomenda do Plano Marshall, auxílio norte-americano destinado à reconstrução europeia no período do pós-guerra. A obra, infelizmente, se perdeu. Em 1954, compôs a *Abertura Sinfônica nº 3*, obra estreada a 1º de outubro do mesmo ano pela Orquestra Sinfônica da Emissora Nacional, no Pavilhão dos Desportos (Pavilhão Carlos Lopes) de Lisboa. A regência ficou a cargo de Pedro de Freitas Branco, grande incentivador de Joly e irmão de Luís de Freitas Branco, seu professor de composição. Pedro e Luís de Freitas Branco, além de figuras de destaque na vida cultural por-

tuguesa, foram decisivos na formação artística e intelectual de Joly, permitindo ao jovem compositor receber encomendas sinfônicas, aprender e praticar os meandros da orquestração diretamente com a Orquestra da Emissora Nacional Portuguesa.

A *Abertura Sinfônica nº 3* é dedicada à viscondessa Elisa de Sousa Pedroso, mecenas do Círculo de Cultura Musical — sociedade de concertos por assinatura — e da Juventude Musical Portuguesa, importante movimento de apoio à educação musical criado por Joly. O empenho de Elisa em promover o 1º Congresso da Juventude Musical Portuguesa levou o compositor a dedicar-lhe a obra, como prova da sua gratidão. Ao lado do *Concerto para orquestra de cordas*, a *Abertura Sinfônica nº 3* é uma de suas obras mais populares e acessíveis. Representam a introdução ideal para se conhecer a música de Joly. Em geral, suas composições possuem rica harmonia, expressa em ambiente tonal expandido sem rupturas ou perda do senso tonal. Suas melodias, amplas e dotadas de certo folclorismo alentejano, ressoam singelamente, sem se comprometerem com a quebra de parâmetros da linguagem musical.

Abertura Sinfônica nº 3, op. 21

Sobre um tema de caráter alentejano

ano de composição 1954

duração prevista 12 min

editora AVA Musical Editions

instrumentação

2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes,
2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes,
3 trombones, tuba, tímpanos,
percussão, harpa, cordas.

“Não me considero compositor, mas sim inventor de música”, dizia Joly. Desejou compor obras que, em suas palavras, “não desdenhando das conquistas do século XX, falem ao homem comum com simplicidade e clareza”. E inventou, sem exibicionismos e sem amarras, uma obra agradável e serena, retrato de seu próprio espírito.

Marcelo Corrêa

Mestre em Piano pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais e coordenador de Projetos Educacionais da Filarmônica.



HEITOR VILLA-LOBOS

Rio de Janeiro, Brasil, 1887 – 1959

Bachianas Brasileiras nº 3

ano de composição 1938

duração prevista 31 min

editora Academia Brasileira de Música

instrumentação

piccolo, 2 flautas, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, clarone, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 2 trompetes, 4 trombones, tuba, tímpanos, percussão, cordas.

Em 1930, de volta ao Brasil depois de anos em Paris, Heitor Villa-Lobos exerceu uma atividade abrangente no cenário musical de seu país, desdobrando-se em múltiplas tarefas — estímulo ao ensino musical, criação de grupos de canto coral, organização e regência de concertos. E continuava compondo muito. As nove *Bachianas Brasileiras* foram escritas entre 1930 e 1945, época de vicissitudes entre as duas grandes guerras, de ascensão dos Estados totalitários e, nas artes, de grandes desvios nos rumos das vanguardas do início do século. Os anos 1930 caracterizam-se por uma tendência à institucionalização, contrariando a irreverência e as ousadias das décadas anteriores. O neoclassicismo

das Bachianas se insere nessa corrente, referenciando o grande músico alemão Johann Sebastian Bach.

Conforme dados fornecidos pelo próprio Villa-Lobos, quem lhe apresentou a obra de Bach foi tia Zizinha, irmã de seu pai e pianista amadora, quando ele ainda era criança. Por outro lado, o Rio de Janeiro do começo do século XX era a capital dos *chorões*, músicos populares que fascinaram o compositor e aos quais ele se uniu em muitas aventuras musicais. Na série das *Bachianas Brasileiras*, Villa-Lobos propõe uma síntese dessa dupla inspiração, procurando afinidades entre os procedimentos composicionais do mestre germânico e a prática musical de vários grupos populares brasileiros. Entre outras semelhanças, o compositor ressaltava a habilidade dos *chorões* ao trabalhar contrapontisticamente células melódicas, como nas progressões barrocas; o caráter estático de certos movimentos lentos; os volteios das improvisações instrumentais dos conjuntos de choro, lembrando o desenho ornamentado das melodias barrocas; e o cultivo do estilo imitativo, com um fluxo melódico constante, em detrimento do desenvolvimento à maneira clássica. Ainda segundo Villa-Lobos, a arte dos repentistas nordestinos, seus desafios e emboladas, poderia associar-se à antiga

prática luterana do *quodlibet*, velho hábito germânico de entoar canções populares em diferentes combinações e que constituía um passatempo na família Bach.

Cada uma das Bachianas destina-se a um instrumento ou a um conjunto instrumental diferente. A Bachiana nº 3 é para piano e orquestra. Seus movimentos trazem dois títulos — um que remete às formas barrocas e outro, bem brasileiro — seresteiro, nordestino ou sertanejo. São eles: Prelúdio (Ponteio), Fantasia (Devaneio), Ária (Modinha) e Tocata (Pica-pau). O título brasileiro desse último movimento justifica-se pela insistente repetição de notas, lembrando o pássaro que, batendo a madeira com seu bico, produz um martelamento seco e monótono. O ambiente musical é o das danças populares das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Escrita em 1938, a Bachiana nº 3 foi estreada a 19 de fevereiro de 1947, em Nova York, com a orquestra CBS e o pianista José Vieira Brandão, sob a regência de Villa-Lobos.

Paulo Sérgio Malheiros dos Santos

Pianista, Doutor em Letras, professor da Universidade do Estado de Minas Gerais, autor dos livros *Músico, doce músico* e *O grão perfumado – Mário de Andrade e a arte do inacabado*.

ANTÔNIO CARLOS GOMES

Campinas, Brasil, 1836 - Belém, Brasil, 1896

Antônio Carlos Gomes, nascido em Campinas e considerado o maior autor de óperas das Américas, foi um fervoroso admirador de Giuseppe Verdi (1813-1901). Apoiado por D. Pedro II, Carlos Gomes recebeu bolsa de estudos para se aperfeiçoar na Europa. O Imperador preferia que ele fosse para a Alemanha, onde pontificava o grande Richard Wagner, mas a Imperatriz, Dona Teresa Cristina, napolitana, sugeriu-lhe a Itália. André Rebouças, amigo de Carlos Gomes, escreveu que o compositor certa vez revelara: “se me dessem agora a escolher entre ir para o céu e ir para a Itália, eu preferiria ir para a Itália”, corroborando a vontade da Imperatriz com o seu desejo. Rebouças também conta sobre as impressões de Carlos Gomes das matas brasileiras: “apreciava principalmente o amanhecer na floresta; o coro irreproduzível de um milhar de pássaros tinha para ele o maior encanto”. Nestas palavras, Rebouças antevê a composição do interlúdio orquestral da ópera *O Escravo*, intitulado *Alvorada*, assim como do belo e pouco conhecido *Prelúdio*, cujo lirismo e “pastoralidade” são ímpares na música brasileira. Em *O Escravo*, ópera composta dez anos após sua última incursão no gênero, *Maria Tudor* (1879), Carlos Gomes atingiu a ma-

turidade de sua arte. Conjugou o canto da ópera italiana e a orquestração francesa para expressar seu país e dar voz às suas origens — o avô paterno descendia de negros e portugueses; a avó materna era filha de branco com índia.

O Escravo foi escrito na Itália, na mesma época em que Verdi completou a ópera *Otello*. Verdi, geralmente tão comedido em julgar seus contemporâneos, havia profetizado, após ouvir *O Guarani* (1870): “este jovem começa de onde eu termino!”. Ao compor *O Escravo*, Carlos Gomes reconheceu o peso daquela imensurável expressão de simpatia: “me dói é trair a palavra de Verdi, visto que não poderia ser seu sucessor”, confessou a um amigo; “Oh, gênio o de Verdi! Depois de *Otello*, não posso ombreá-lo”.

Carlos Gomes possuía laços com a Monarquia, mas era, entretanto, apoiador da causa abolicionista, assim como o autor do libreto de *O Escravo*, Alfredo d’Escragnolle Taunay (1843-1899). Este, também pianista e compositor, fora condecorado visconde vinte dias antes da estreia da ópera, realizada no Teatro Imperial D. Pedro II do Rio de Janeiro, a 27 de setembro de 1889. Pouco tempo depois, a 15 de novembro,

O Escravo: Prelúdio e Alvorada

ano de composição 1889

duração prevista 12 min

editora Musica Brasilis

instrumentação

piccolo, 3 flautas, 2 oboés,
2 clarinetes, 2 fagotes,
4 trompas, 4 trompetes,
3 trombones, tuba, tímpanos,
percussão, harpa, cordas.

ocorreria a Proclamação da República Brasileira. A “Ópera da Abolição”, como ficou conhecida na época, foi dedicada à Princesa Isabel, “a Redentora”, que trocou o trono pela libertação de um povo.

Marcelo Corrêa

Mestre em Piano pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais e coordenador de Projetos Educacionais da Filarmônica.



HEITOR VILLA-LOBOS

Rio de Janeiro, Brasil, 1887 – 1959

Choros nº 6

ano de composição 1926

duração prevista 25 min

editora Academia Brasileira de Música

instrumentação

2 piccolos, 2 flautas, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, clarone, saxofone soprano, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 4 trompetes, 4 trombones, tuba, tímpanos, percussão, 2 harpas, celesta, cordas.

Da mesma forma que as *Bachianas Brasileiras* não são a recuperação ou o resgate da estética ou da linguagem de J. S. Bach, mas uma ponte que Villa-Lobos procura construir entre a tradição ocidental e a música nacional brasileira, a série dos dezesseis *Choros* não se propõe a realizar qualquer tipo de resgate ou sacralização erudita dessa importante manifestação — eminentemente urbana — da Música Popular Brasileira.

O compositor é categórico: quaisquer elementos rítmicos, harmônicos ou melódicos nessa série de obras se fundamentam em sua origem popular, e aparecem, se não acidentalmente, completamente estilizados, transformados “segundo a personalidade do autor”. Este se impõe, portanto,

às suas fontes, que são apenas motivação psicológica, quase alegórica, para um trabalho pessoal e original de inventividade criativa. A própria diversidade das instrumentações, em toda a série, o atesta: do violão solo (*Choros nº 1*) à grande orquestra sinfônica, incrementada com uma prodigalidade no mínimo inusitada de instrumentos de percussão, alguns dos quais icônicos da música popular brasileira ou de seu folclore, como nos *Choros nº 6, 8, 9 e 10*. A rítmica, entretanto, nos *Choros*, e certas construções melódicas, guardam elementos tipicamente nacionais, como uma espécie de âncora aferrada nas fontes brasileiras, ainda que totalmente estilizadas.

Composto no Rio de Janeiro em 1926, e estreado também ali, sob a regência do compositor, em 1942, o *Choros nº 6* não é, cronologicamente, a sexta obra da safra. Nos *Choros*, não é a cronologia, mas uma espécie de gradação de complexidade estrutural e instrumental que parece nortear a ordenação feita por Villa-Lobos. Segundo o testemunho do próprio compositor, “o clima, a cor, a temperatura, a luz, os pios dos pássaros, o perfume do capim melado entre as capoeiras e todos os elementos da natureza do sertão serviram de motivos de inspiração para esta obra que, no entanto, não representa nenhum aspecto objetivo nem tem sabor descritivo”.

Villa-Lobos, assim, mantém-se coerente com a sua proposta estética da máxima estilização: nesta obra, como nos demais *Choros*, mesmo o que parece ser citação de elementos da música tradicional ou da música popular brasileira não deixa de ser trabalho original de composição, a partir de um material filtrado e destilado das fontes originais, nacionais ou europeias. A orquestração deste *Choro*, numerosa e exuberante, faz uso largo de instrumentos de percussão, inclusive daqueles que se identificam mais com a música popular brasileira que com a percussão sinfônica: a cuíca, o coco, o roncador, o reco-reco, o tamborim de samba. Por isso e também pelas combinações tímbricas vigorosamente originais é que Messiaen o considerava um dos maiores orquestradores do século XX.

Moacyr Laterza Filho

Pianista e cravista, professor da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais.

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS

Fabio Mechetti

Diretor Artístico e Regente Titular

José Soares

Regente Associado

PRIMEIROS VIOLINOS

Rommel Fernandes ♦
Ara Harutyunyan ♦♦
Ana Zivkovic
Arthur Vieira Terto
Gabriel Almeida
Joanna Bello
Laura von Atzingen
Luis Andrés Moncada
Roberta Arruda
Rodrigo Bustamante
Rodrigo de Oliveira
Wagner Oliveira
Wesley Prates
Eliseu Barros ****

SEGUNDOS VIOLINOS

Hyu-Kyung Jung ***
Gideôni Loamir
Jovana Trifunovic
Luka Milanovic
Martha Pacífico
Matheus Braga
Radmila Bocev
Rodolfo Toffolo
Tiago Ellwanger
Valentina Gostilovitch
João Paulo Machado ****

VIOLAS

João Carlos Ferreira *
Mikhail Bugaev ***
Daniel Mendes
Flávia Motta
Gilberto Paganini
Katarzyna Druzd
Luciano Gatelli
Marcelo Nébias
Nathan Medina
Valentina Shmyreva

VIOLONCELOS

Philip Hansen *
Robson Fonseca ***
Camila Pacífico
Camilla Ribeiro
Eduardo Swerts
Emília Neves
Lina Radovanovic
Lucas Barros
William Neres

CONTRABAIXOS

Neto Bellotto *
André Geiger ***
Marcelo Cunha
Marcos Lemes
Pablo Guinez
Rossini Parucci
Walace Mariano

FLAUTAS

Cássia Lima *
Renata Xavier ***
Alexandre Braga
Elena Suchkova

OBOÉS

Alexandre Barros *
Públio Silva ***
Maria Fernanda
Gonçalves
Israel Muniz

CLARINETES

Marcus Julius Lander *
Jonatas Bueno ***
Alexandre Silva
Ney Franco

FAGOTES

Adolfo Cabrerizo *
Victor Morais ***
Wesley Moura
Francisco Silva

SAXOFONE

Jesiel Pinheiro ****

TROMPAS

Alma Maria Liebrecht *
Evgueni Gerassimov ***
Gustavo Trindade
José Francisco
dos Santos
Lucas Filho
Fabio Ogata

TROMPETES

Marlon Humphreys-Lima *
Érico Fonseca **
Daniel Leal ***
Tássio Furtado

TROMBONES

Mark John Mulley *
Diego Ribeiro **
Wagner Mayer ***
Renato Lisboa

TUBA

Eleilton Cruz *
Rafael Mendes ****

TÍMPANOS

Hilvio González *

PERCUSSÃO

Rafael Alberto *
Daniel Lemos ***
Sérgio Aluotto
Werner Silveira
John Boudler ****

HARPAS

Clémence Boinot *
Jennifer Campbell ****

TECLADOS

Ayumi Shigeta *

GERENTE

Jussan Fernandes

INSPETORA

Karolina Lima

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

Risbleiz Aguiar

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Klênio Carvalho

ARQUIVISTA

Ana Lúcia Kobayashi

ASSISTENTES

Claudio Starlino
Jônatas Reis

SUPERVISOR DE MONTAGEM

Rodrigo Castro

MONTADORES

Hélio Sardinha
Rafael Perrotta

INSTITUTO CULTURAL FILARMÔNICA

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Presidente Emérito
Jacques Schwartzman

Presidente

Roberto Mário Gonçalves
Soares Filho

Conselheiros

André Salazar
Antonio Batista Junior
Berenice Menegale
Bruno C. C. Sena
Bruno Volpini
Fernando de Almeida
Frederico Melo
Ítalo Gaetani
José Eduardo K. Leite
Marco Antônio Pepino
Maurício Freire
Sergio G. Suchodolski
Sérgio Pena

Conselho Fiscal

Iran Almeida Pordeus
Márcia de Almeida
Carlos C. P. Braga

Conselho Consultivo

Eleonora Santa Rosa
Humberto Werneck
José das Dores Vital
Oiliam Lanna
Paulo Pederneiras
Wagner F. Veloso

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Presidente
Diomar Silveira

Diretor Administrativo-financeiro

Joaquim Barreto

Diretor de Comunicação

Agenor Carvalho

Diretora de Marketing e Projetos

Zilka Caribé

Diretor de Operações

Ivar Siewers

EQUIPE TÉCNICA

Gerente de Comunicação
Merrina Godinho Delgado

Gerente de Produção Musical

Claudia da Silva
Guimarães

Assessor de Programação Musical

Pedro Gattoni

Produtor

Luis Otávio Rezende

Analistas de Comunicação

Ana Carolina Nicolau
Carolina Moraes Santana
Flora Silberschneider
Helena Cintra
Iuri Gouvêa
Vinicius Correia

Analistas de Marketing

Cristiana Aguiar
Itamara Kelly
Livia Brito

Assistente de Produção

Rildo Lopez

Auxiliar de Produção

Jeferson Silva

EQUIPE ADMINISTRATIVA

Gerente Administrativo-financeira
Ana Lúcia Carvalho

Gerente Contábil

Graziela Coelho

Gerente de Recursos Humanos

Quézia Macedo Silva

Analista Administrativo

Gabriel Gama

Secretária Executiva

Flaviana Mendes

Assistente Administrativa

Cristiane Reis

Assistente Contábil

Pedro Almeida

Assistente de Recursos Humanos

Jessica Nascimento

Recepcionistas

Meire Gonçalves
Vivian Figueiredo

Auxiliar Administrativa

Geovana Benicio

Auxiliar de Escritório

Lucas Requejo

Auxiliar de Serviços Gerais

Ailda Conceição

Mensageiro

Douglas Conrado

Jovem Aprendiz

Jean Felipe

Estagiária

Jennifer Veiga

SALA MINAS GERAIS

Gerente de Operações

Jorge Correia

Técnicos de Áudio e de Iluminação

Daniel Hazan
Diano Carvalho

Assistente Operacional

Bruno Aguiar

FORNECEDORES

Assessoria de Imprensa

Personal Press/
Polliane Eliziário

Assessoria Jurídica

Dolabella, Costa e
Campos Advocacia e
Consultoria

Assessoria de Projetos

Clac Cultural/
Cristiane Gazzinelli

Coordenação de Projetos Educacionais

Marcelo Corrêa

Assessoria de Áudio

Murillo Corrêa

Assessoria de Imprensa - Portugal

AR Comunicação

Produção Executiva - Portugal

Produtores Associados

♦ spalla em exercício ♦♦ spalla associado em exercício

* principal ** principal associado *** principal assistente **** musicista convidado/a

www.filarmonica.art.br



SALA MINAS GERAIS

RUA TENENTE BRITO MELO, 1.090 - BARRO PRETO
CEP 30.180-070 - BELO HORIZONTE, MG - BRASIL
(31) 3219.9000



Lei de Incentivo à
CULTURA

MANTENEDOR

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

PATROCÍNIO MÁSTER

CEMIG

PATROCÍNIO

apexBrasil

APOIO CULTURAL

**BANCO
MASTER**

APOIO INSTITUCIONAL



casa da música



LISBOA



LISBOA

EGEAC

CCB



CÂMARA MUNICIPAL
de **COIMBRA**



Convento São Francisco
Coimbra Cultura e Congressos
Património Municipal



CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE COIMBRA



ASSOCIAÇÃO
PORTUGAL BRASIL
288 ANOS



Raimar & Maria
Reislerhoff

REALIZAÇÃO



INSTITUTO CULTURAL
FILARMÓNICA

EMBAIXADA DO
BRASIL

LISBOA

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO